



Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa Ferrari
(Organizadora)

Processos de Intervenção em Fisioterapia e Terapia Ocupacional 2

 **Atena**
Editora
Ano 2020



Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa Ferrari
(Organizadora)

Processos de Intervenção em Fisioterapia e Terapia Ocupacional 2

 **Atena**
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Prof^ª Dr^ª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof^ª Dr^ª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof^ª Dr^ª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Prof^ª Dr^ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof^ª Dr^ª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^ª Dr^ª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Prof^ª Dr^ª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^ª Dr^ª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Prof^ª Dr^ª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^ª Dr^ª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Prof^ª Dr^ª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Prof^ª Dr^ª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^ª Dr^ª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof^ª Dr^ª Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliariari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Prof^ª Dr^ª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa Ferrari

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P963 Processos de intervenção em fisioterapia e terapia ocupacional 2 / Organizadora Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa Ferrari. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5706-644-7
DOI 10.22533/at.ed.447200712

1. Fisioterapia. 2. Terapia Ocupacional. I. Ferrari, Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa (Organizadora). II. Título.

CDD 615.82

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

APRESENTAÇÃO

As ciências da saúde ou ciências médicas são áreas de estudo relacionadas a vida, saúde e/ou doença. A fisioterapia e a terapia ocupacional fazem parte dessa ciência. Nesta coleção “Processos de intervenção em Fisioterapia e Terapia Ocupacional 2” trazemos como objetivo a discussão científica por intermédio de trabalhos diversos que compõe seus capítulos. O volume abordará de forma categorizada, interdisciplinar, através de demandas atuais de conhecimento, trabalhos, pesquisas, e revisões de literatura nas áreas de fisioterapia e terapia ocupacional.

A fisioterapia é a ciência da saúde que estuda, previne e trata os distúrbios cinéticos funcionais intercorrentes em órgãos e sistemas do corpo humano, gerados por alterações genéticas, por traumas e por doenças adquiridas. E a terapia ocupacional estuda, previne e trata indivíduos portadores de alterações cognitivas, afetivas, perceptivas e psicomotoras decorrentes ou não de distúrbios genéticos, traumáticos e/ou de doenças adquiridas.

Para que a fisioterapia e terapia ocupacional possam realizar seus trabalhos adequadamente é necessário a busca científica incessante e contínua, baseada em evidências prático/clínicas e revisões bibliográficas. Deste modo a obra “Processos de intervenção em Fisioterapia e Terapia Ocupacional” apresenta conhecimento fundamentado, com intuito de contribuir positivamente com a sociedade leiga e científica, através de onze artigos, que versam sobre vários perfis de pacientes, avaliações e tratamentos.

Sabemos o quão importante é a divulgação científica, por isso evidenciamos também a estrutura da Atena Editora capaz de oferecer uma plataforma consolidada e confiável para a exposição e divulgação dos resultados científicos.

Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa Ferrari

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

FISIOTERAPIA NAS COMPLICAÇÕES PULMONARES EM PACIENTES PALIATIVOS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

Luma Lopes da Silva
Juliane Silva Soares
Sabrina Macedo Rocha Boaventura
Eraldo Ítalo Gomes Silva
Polyana Ferreira dos Santos Silva

DOI 10.22533/at.ed.4472007121

CAPÍTULO 2..... 13

OS BENEFÍCIOS DO FORTALECIMENTO MUSCULAR RESPIRATÓRIO EM PACIENTES COM DPOC: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Kananda Jorge Pereira
Miguel Ângelo Guimarães Rocha
Neivado Ramos da Silva
Julyanna Aparecida Saraiva
Genivaldo Vieira da Silva Júnior
Thaynara Fernandes Sousa Rodrigues
Antonio Matheus Silva Rocha
Henrique Fonseca Gomes
Gerdane da Conceição Sousa
Ana Laryssa de Sousa Araújo
Káren Andresa Mendes da Silva
Emanuelle Paiva de Vasconcelos Dantas

DOI 10.22533/at.ed.4472007122

CAPÍTULO 3..... 20

EFEITOS DAS INTERVENÇÕES FISIOTERAPÊUTICAS NA DOENÇA PULMONAR OBSTRUTIVA CRÔNICA (DPOC) ENFISEMÁTICA: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Thais Norberta de Oliveira
Kananda Jorge Pereira
Leonardo Dina da Silva
Neivaldo Ramos da Silva
Julyanna Aparecida Saraiva
Jorysllene Kaylla dos Santos Gomes
Anne Rafaella Alves Ribeiro Soares
Antonio Matheus Silva Rocha
Debora Vieira Alves
Henrique Fonseca Gomes
Gerdane da Conceição Sousa
Emanuelle Paiva de Vasconcelos Dantas

DOI 10.22533/at.ed.4472007123

CAPÍTULO 4..... 27

OS BENEFÍCIOS DO EXERCÍCIO RESPIRATÓRIO EM PACIENTES COM DPOC

EM AMBIENTE HOSPITALAR: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Maria Arisnete Gomes de Sousa
Leonardo Dina da Silva
Kananda Jorge Pereira
Neivaldo Ramos da Silva
Julyanna Aparecida Saraiva
Laylla Mickaelle de Sousa Ferreira
Tiago Santos de Oliveira
Antonio Matheus Silva Rocha
Jéssica Costa Chaves
Brunna Miranda Silva
Silvana Campelo Moura
Emanuelle Paiva de Vasconcelos Dantas

DOI 10.22533/at.ed.4472007124

CAPÍTULO 5..... 34

OS EFEITOS DO TREINAMENTO MUSCULAR RESPIRATÓRIO EM PACIENTES COM DPOC: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Jéssica Costa Chaves
Pollyanna Raquel Costa da Silva
Leonardo Dina da Silva
Laylla Mickaelle de Sousa Ferreira
Kananda Jorge Pereira
Neivaldo Ramos da Silva
Julyanna Aparecida Saraiva
Tiago Santos de Oliveira
Luanna Gabryelle Alves de Sousa
Cirlene de Almeida Carvalho
Silvana Campelo Moura
Emanuelle Paiva de Vasconcelos Dantas

DOI 10.22533/at.ed.4472007125

CAPÍTULO 6..... 43

EFEITO DO TREINAMENTO FÍSICO NO TRATAMENTO DE PACIENTES COM ASMA: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Leonardo Dina da Silva
Laylla Mickaelle de Sousa Ferreira
Kananda Jorge Pereira
Neivaldo Ramos da Silva
Julyanna Aparecida Saraiva
Tiago Santos de Oliveira
Luanna Gabryelle Alves de Sousa
Mylena Rodrigues Gonçalves
Bruna da Silva Matos
Gerdane da Conceição Sousa
Thais Norberta de Oliveira
Emanuelle Paiva de Vasconcelos Dantas

DOI 10.22533/at.ed.4472007126

CAPÍTULO 7..... 50

**NÍVEL DE ATIVIDADE FÍSICA EM PACIENTES DE ALTO RISCO
CARDIOVASCULAR COMO FATOR PROTETOR: UM ESTUDO COM PROTEÍNA
C-REATIVA ULTRASSENSÍVEL**

Tiago José Nardi Gomes
Thalisson Lemos de Medeiros
João Rafael Sauzem Machado
Lilian Oliveira de Oliveira
Jaqueline de Fátima Biazus
Clandio Timm Marques
Patrícia de Moraes Costa
Marcelo Haertel Miglioranza

DOI 10.22533/at.ed.4472007127

CAPÍTULO 8..... 62

**TERAPIAS COMPLEMENTARES NO TRATAMENTO DO CÂNCER COMO
FORMA DE MINIMIZAR O SOFRIMENTO DO PACIENTE ONCOLÓGICO**

Samara Atanielly Rocha
Karoline de Souza Oliveira
Kelvyn Mateus Dantas Prates
Matheus Felipe Pereira Lopes
Hiago Santos Soares Muniz
Raynara Laurinda Nascimento Nunes
Fernanda Canela Prates
Henrique Andrade Barbosa
Ely Carlos Pereira de Jesus
Natália Gonçalves Ribeiro
Aline Gomes Silva de Souza
Ana Karolynne Borges Feitosa

DOI 10.22533/at.ed.4472007128

CAPÍTULO 9..... 70

**ATUAÇÃO DA FISIOTERAPIA EM CUIDADOS PALIATIVOS: UMA REVISÃO
INTEGRATIVA DA LITERATURA**

Juliane Silva Soares
Luma Lopes da Silva
Sabrina Macedo Rocha Boaventura
Carolayne Fernandes Prates

DOI 10.22533/at.ed.4472007129

CAPÍTULO 10..... 83

**FORÇA MUSCULAR GLOBAL EM PACIENTES COM DOENÇA
CARDIORRESPIRATÓRIA**

Christiane Riedi Daniel
Marina Pegoraro Baroni
João Afonso Ruaro
Caroline Camelo de Silos
Gustavo Athayde Stockler

CAPÍTULO 11..... 90

RECURSOS FISIOTERAPÊUTICOS PARA O TRATAMENTO DA NEUROPATIA ONCOLÓGICA

Luísa Maria Antônia Ferreira
Daniele Pinheiro Victor
Thalyta Oliveira Freitas
Zaira Rodrigues Magalhães Farias
Loyse Gurgel dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.44720071211

CAPÍTULO 12..... 100

DESENVOLVIMENTO DA NEUROPLASTICIDADE NA PERSPECTIVA DO TRATAMENTO TERAPÊUTICO OCUPACIONAL EM PACIENTES PÓS AVC

Ana Luiza Fabrin Bataglioli
Giovana Bortoleto
Maria Luisa Gazabim Simões Ballarin

DOI 10.22533/at.ed.44720071212

CAPÍTULO 13..... 111

UTILIZAÇÃO DA REALIDADE VIRTUAL NO PROCESSO DE REABILITAÇÃO EM INDIVÍDUOS COM A DOENÇA DE PARKINSON: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Dariane Suely Kais
Patrick Descardecchi Miranda
Sharon Oliveira Barros Barbosa
Cristiane Gonçalves Ribas

DOI 10.22533/at.ed.44720071213

CAPÍTULO 14..... 125

ESTIMULAÇÃO EPIDURAL NA REABILITAÇÃO DE PARAPLÉGICOS

Maria Eduarda Tarnopolski Borges
Loriane Francisca Tarnopolski Borges

DOI 10.22533/at.ed.44720071214

CAPÍTULO 15..... 129

TRATAMENTO FISIOTERAPÊUTICO EM IDOSOS ACOMETIDOS POR AVE AGUDO: REVISÃO SISTEMÁTICA

Elaine Glauce Santos de Souza
Izabelle Cassiana Silva de Moraes
Luciane Lobato Sobral

DOI 10.22533/at.ed.44720071215

CAPÍTULO 16..... 137

COMPLICAÇÕES SECUNDÁRIAS À PRESENÇA DE DOR E ESPASTICIDADE EM PACIENTES NEUROLÓGICOS

Bruno Maia Costa
Juliana Morais Limeira

Samilly Ariany Corrêa Morau
Kelly Cristina Mota Braga Chiepe
Fernanda Cristina de Abreu Quintela Castro

DOI 10.22533/at.ed.44720071216

CAPÍTULO 17..... 150

**ANÁLISE DOS EFEITOS DA MASSAGEM COM PEDRAS QUENTES EM
PACIENTES PORTADORES DE FIBROMIALGIA**

Caliandra Letiere Coelho Dias
Caren Franciele Coelho Dias
Cleonice Pereira Moreira
Cleide Monteiro Zemolin
Ezequiel da Silva
Claudia Monteiro Ramos
Nicole Adrielli Monteiro Zemolin
Taís Foletto Bevilaqua
Clebiana Alvez e Silva Diniz

DOI 10.22533/at.ed.44720071217

CAPÍTULO 18..... 161

**ABORDAGEM DA FISIOTERAPIA NA SÍNDROME DE BURNOUT: REVISÃO DE
LITERATURA**

Ana Letícia Soares dos Reis Santos
Erika Talita Damascena dos Santos
Maria Goretti Fernandes
Izabela Souza da Silva

DOI 10.22533/at.ed.44720071218

CAPÍTULO 19..... 172

**EFEITOS DA TÉCNICA HIPOPRESSIVA EM DIFERENTES PARÂMETROS
CORPORAIS**

Bárbara Carvalho dos Santos
Francisca Thays Cardoso dos Santos
Matilde Nascimento Rabelo
Suellen Aparecida Patricio Pereira
Kledson Amaro de Moura Fé
Ana Rosa Oliveira Sousa
Hyrlanny Pereira dos Santos
Renata Yáskara Silva Alves
Natália Pereira dos Santos
Ariadne Gonçalves Dela Penha Banho
Bruna Marques Teixeira
Luiza Antonieta Galvão de Sá Cardoso

DOI 10.22533/at.ed.44720071219

CAPÍTULO 20..... 178

ESCOLIOSE E REEDUCAÇÃO POSTURAL GLOBAL: UMA REVISÃO

Matilde Nascimento Rabelo

Bárbara Carvalho dos Santos
Suellen Aparecida Patricio Pereira
Kledson Amaro de Moura Fé
Ana Rosa Oliveira Sousa
Karla Fontenele de Melo
Daccione Ramos da Conceição
Samara da Silva Barbosa
Hyrllanny Pereira dos Santos
Renata Yáskara Silva Alves
Natália Pereira dos Santos
Ariadne Gonçalves Dela Penha Banho
Bruna Marques Teixeira

DOI 10.22533/at.ed.44720071220

CAPÍTULO 21..... 185

PRODUÇÃO DE PRÓTESES MECÂNICAS 3D DE MEMBRO SUPERIOR PARA UM CASO DE AMPUTAÇÃO BILATERAL INFANTIL: DESAFIOS DA REABILITAÇÃO

Tainara dos Santos Bina
Maria Elizete Kunkel
Rodrigo Costa Ribeiro
Thamires Verri Ribeiro
Hiran Dalvi Silveira
Laura Helena de Melo Passoni
Israel Toledo Gonçalves
Sandra Maria Souza Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.44720071221

CAPÍTULO 22..... 199

INCIDÊNCIA DE LOMBALGIA X HÉRNIA DE DISCO LOMBAR EM FISIOTERAPEUTAS AMBULATORIAIS NA BAIXADA FLUMINENSE

Paulo Henrique de Moura
Nayara Mesquita dos Santos
Jefferson Felipe Rodrigues da Silva
Raphaela de Aguiar Silva

DOI 10.22533/at.ed.44720071222

CAPÍTULO 23.....211

A INFLUÊNCIA DA ESTIMULAÇÃO SENSORIAL E DA PSICOMOTRICIDADE NA CRIANÇA COM TEA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA

Cristiane Gonçalves Ribas
Bruna Baldívia Berndt
Clara Tavares
Tauani Zart Necker

DOI 10.22533/at.ed.44720071223

CAPÍTULO 24..... 224

INVESTIGAÇÃO SOBRE A DISMENORREIA E SUAS FORMAS PRIMÁRIA E

SECUNDÁRIA

Fernanda Ferreira de Sousa
José Francisco Miranda de Sousa Júnior
Nayra Nazaré Silva Martins
Nayara Mara Santos Ibiapina
Brendo Henrique da Silva Vilela
Sâmia Vanessa Oliveira Araújo
Elisângela Neres de Andrade
Isabele Alves de Sousa
Wanderson Êxodo de Oliveira Nascimento
Tayná Maria Araújo Viana
Joanne dos Santos Saraiva

DOI 10.22533/at.ed.44720071224

CAPÍTULO 25..... 235

ATUAÇÃO DA FISIOTERAPIA NO TRATAMENTO DA EJACULAÇÃO PRECOCE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Daniella Bruna Ramos Rodrigues
Amanda da Silva Farias
Rebeca Rayane Alexandre Rocha
Erika Janaina Araújo de Oliveira
Mayarla Kathyllinne Souto de Oliveira
Marília Ferreira de Queiroz Honningsvåg
Hellen Batista de Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.44720071225

CAPÍTULO 26..... 245

CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DE FUNCIONALIDADE, INCAPACIDADE E SAÚDE: PRÍNCIPIOS E PRÁTICA

Carolina Santos Mota
Lissa Fernanda da Cruz Conceição Araujo
Tamires Alexandrina de Araújo
Isis Nunes Veiga

DOI 10.22533/at.ed.44720071226

CAPÍTULO 27..... 263

ATUAÇÃO DO FISIOTERAPEUTA NA EQUOTERAPIA: DO MANEJO DO CAVALO À SESSÃO

Josiane Lopes
Angela Dubiela Julik
Eliane Gonçalves de Jesus Fonseca
Patricia Pacheco Tyski Suckow
Camila Fernanda de Freitas
Emanuella Mildemberger Franco
Isadora Rodrigues de França
Maria Eduarda Mazepa
Mariana Bee Borges
Raissa Patel

DOI 10.22533/at.ed.44720071227

CAPÍTULO 28..... 275

A TEORIA DO MOVIMENTO EM LABAN: RELAÇÕES ENTRE ATIVIDADES COTIDIANAS, CORPO E CUIDADO DE SI

Geruza Valadares Souza

Marcus Vinicius Machado de Almeida

Marcelle Carvalho Queiroz Graça

Michele Cristina de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.44720071228

CAPÍTULO 29..... 296

TERAPIA OCUPACIONAL: A RELAÇÃO DA PERDA DE PAPÉIS OCUPACIONAIS E A DEPRESSÃO NA VELHICE

Caroline da Silva Alexandre

Leticia Cruz Coelho

Naiane da Silva Fortunato

Maria Luísa Simões Gazabim Ballarin

DOI 10.22533/at.ed.44720071229

SOBRE A ORGANIZADORA..... 309

ÍNDICE REMISSIVO..... 310

A TEORIA DO MOVIMENTO EM LABAN: RELAÇÕES ENTRE ATIVIDADES COTIDIANAS, CORPO E CUIDADO DE SI

Data de aceite: 01/12/2020

Geruza Valadares Souza

Instituto Federal de educação, ciência e tecnologia do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, RJ
<https://orcid.org/0000-0001-6326-3017>

Marcus Vinicius Machado de Almeida

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, RJ
<https://orcid.org/0000-0001-8939-5093>

Marcelle Carvalho Queiroz Graça

Instituto Federal de educação, ciência e tecnologia do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, RJ
<https://orcid.org/0000-0003-3823-7583>

Michele Cristina de Oliveira

Fundação de Apoio à Escola Técnica
Rio de Janeiro, RJ
<https://orcid.org/0000-0002-4239-615X>

A alma e o corpo não se separam, mas se misturam, inextricavelmente, mesmo na pele. Assim, dois corpos misturados não formam um sujeito separado de um objeto. (SERRES, 2001, p. 21).

RESUMO: Esta pesquisa desenvolve a análise conceitual do pensamento de Rudolf Laban (1978, 1990, 2001) sobre a experiência do movimento corporal. Inicialmente, nossa investigação está centrada na metodologia genealógica de Foucault (2014), que tem por finalidade o exame de discursos e práticas

que, dotados de poder, operam uma relação de dominação e controle do corpo e da subjetividade. O método genealógico apresenta uma análise histórica que opera desconstruções de crenças atuais que se impõem como verdades dos saberes. Em seguida, nos apropriamos do estudo de Laban (1978, 1990, 2001) sobre o movimento e o corpo e da psicologia de Reich (1988), de forma a aprofundar a discussão da relação do corpo com as atividades cotidianas, na clínica da terapia ocupacional. Os objetivos deste trabalho completam-se na sua análise do Movimento de Artes e Ofícios (MAO), fundada no critério ontológico de concepção da práxis e que aponta para uma visão ética e estética das ações cotidianas como ferramenta conceitual para se pensar a diversidade do gesto e de ações significativas para a existência. Desse modo, a investigação da relação do gesto com as ações do cotidiano tem como princípio metodológico avaliar a práxis com base na estética da existência e no cuidado de si conforme descritos por Foucault (2007). Conclui-se que a condição ontológica do corpo nos fazeres nos revela não apenas a ampla capacidade do movimento, mas a possibilidade de produção de mudanças na clínica, na busca de uma artesanania da existência.

PALAVRAS-CHAVE: Atividades cotidianas, corpo, movimento, cuidado de si, terapia ocupacional.

THE THEORY OF MOVEMENT IN LABAN:
RELATIONSHIPS BETWEEN DAILY
ACTIVITIES, BODY AND SELF CARE

ABSTRACT: This research develops the

conceptual analysis of Rudolf Laban's (1978, 1990, 2001) thought about the experience of body movement. Initially, our research is centered on the genealogical methodology of Foucault (2014), which aims to examine discourses and practices that, endowed with power, operate a relationship of domination and control of the body and subjectivity. The genealogical method presents a historical analysis that operates deconstructions of current beliefs that impose themselves as truths of knowledge. Next, we appropriate Laban's (1978, 1990, 2001) study on movement and the body and Reich's (1988) psychology, in order to deepen the discussion of the relationship between the body and daily activities in the occupational therapy clinic. The objectives of this research are completed in its analysis of the Movement of Arts and Crafts (MAO), founded on the ontological criterion of conception of praxis and which points to an ethical and aesthetic vision of daily actions as a conceptual tool to think about the diversity of gesture and significant actions for existence. Thus, the investigation of the relationship between gesture and everyday actions has as methodological principle to evaluate the praxis based on the aesthetics of existence and care for oneself as described by Foucault (2007). We conclude that the ontological condition of the body reveals not only the ample capacity of the movement, but the possibility of producing changes in the clinic, in the search for a craftsmanship of existence.

KEYWORDS: Daily activities, body, movement, self care, occupational therapy.

INTRODUÇÃO

Este capítulo discute as definições e repercussões do estudo de Laban (1978, 1990, 2001) sobre o papel do movimento corporal nas ações cotidianas. Sobretudo, nos interessa realizar uma análise conceitual da temática do corpo como potência criativa de estética da existência e do cuidado de si, na terapia ocupacional. Tais conceitos nos auxiliarão a postular os possíveis efeitos da relação dialética do trabalho criador na clínica terapia ocupacional, assim como das implicações do corpo, nesse processo.

Para esse propósito, consideramos a proposta de experimentação das potências do movimento corporal, de Laban (1990, 2001), em face das relações do sujeito com o seu fazer cotidiano e seus possíveis desdobramentos para a constituição de uma corporeidade livre e singular. Os critérios que estabelecemos buscam analisar a relação do corpo e do movimento nas atividades cotidianas com base no paradigma ontológico, que concebe o primado da existência como resultado da vivência corporal como cuidado de si. É importante salientar que o fundamento existencial e ontológico que adotamos na pesquisa parte do paradigma estético de Guattari (1992) que determina a subjetividade em sua dimensão de inventividade e de processualidade criativa.

Ao elaborarem a sua definição de criação de conceitos, Deleuze e Guattari (1992), em sua obra *O que é a filosofia?*, explicam os conceitos como instrumentos para pensar a vida, para vitalizá-la. O conceito não é uma *entidade metafísica* ou

uma *representação mental*; o conceito é um dispositivo, uma ferramenta, algo que é criado, produzido, fabricado. Para os autores, os conceitos são ferramentas que devem servir para recriar a existência e potencializar a vida (DELEUZE; GUATTARI, 1992).

O método genealógico, ao mesmo tempo que desconstrói conceitos, abre a oportunidade de criação de novos conceitos. Dessa forma, a genealogia não apenas desvela saberes, poderes, epistemes, corpos, formas de singularização, enfim, redes de micropoderes; ela permite a criação de conceitos que potencializam a vida, a partir do critério da vida ela mesma. É essa a ligação da genealogia com a criação de conceitos que objetivamos para pensar as questões do corpo e do movimento e modelarmos conceitos que possibilitem a construção de planos existenciais inéditos. O método genealógico, aliado ao estudo das teorias dos autores antes citados, nos propicia a desconstrução de conceitos e práticas que despontencializam o corpo e a experiência do movimento e a emergência de pensarmos novos conceitos e novos sentidos de conceber a corporeidade sob uma perspectiva ética, estética e política.

POR UMA PROPOSTA DO CORPO¹ ARTESANAL

No decorrer desta pesquisa, nomeamos o trabalho como ontologia, por meio da proposta da pluralidade dos gestos como intensificadores da expansão de vida. Diferentemente do trabalho capturado pelas forças capitalistas, por exemplo, que podem alienar e adoecer, o trabalho vivido como potência ontológica pode produzir singularidades livres e criativas.

Com Foucault (1987), verificamos que o corpo é o objeto por excelência da relação de saber-poder: é no corpo e através do corpo que se instauram os mecanismos de saber-poder que dominam e subjagam o corpo e, por conseguinte, as subjetividades, por meio de discursos hegemônicos, realidades serializadas e normalizadoras. Nesse sentido, a proposta foucaultiana de genealogia do corpo na sociedade ocidental nos auxilia a analisar a relação do corpo com as ações cotidianas orientadas para a promoção de formas de vida livres e autônomas, em oposição aos “[...] sistemas sócio-políticos que trabalham incessantemente para submeter às pessoas a práticas divisórias, disciplinares, individualizantes, normalizantes, com o auxílio de técnicas e de conhecimentos científicos” (CASTELO BRANCO, 2008, p. 5) que estão presentes nas formas de produção capitalista.

O saber-poder se impõe, portanto, por meio da produção de corpos úteis e dóceis e, desse modo opera o assujeitamento, as formas de exploração (que separam o indivíduo do que ele produz e da sua práxis) e a submissão das subjetividades (CASTELO BRANCO, 2008). A formação para o trabalho é entendida

¹ O corpo é por nós entendido como um corpo que se constrói no atravessamento do plano da criação, da experiência estética da existência, conforme nos assinala Foucault (2014).

como um processo que tem como base a transformação dos corpos, por meio de técnicas sutis de controle, que aparecem em práticas e discursos. Ao tratar do tema do controle e sujeição do corpo em *Vigiar e punir: nascimento da prisão*, Foucault (1987, p. 28) alega que:

[...] podemos sem dúvida ressaltar esse tema geral de que, em nossas sociedades, os sistemas punitivos devem ser recolocados em certa economia política do corpo: ainda que não recorram a castigos violentos ou sangrentos, mesmo quando utilizam métodos 'suaves' de trancar ou corrigir, é sempre do corpo que se trata — do corpo e de suas forças, da utilidade e da docilidade delas, de sua repartição e de sua submissão.

Para Foucault (1987, 2008), com o surgimento da modernidade registra-se uma importante mudança no funcionamento dos mecanismos de poder, sobretudo nas práticas discursivas, nos efeitos e no desempenho do poder nas instituições sociais. Se, entre os séculos XVII e XVIII, a prisão era a instituição de exclusão por excelência, no século XIX a disciplinarização do corpo caracteriza-se por um poder que é produtivo, “[...] isto é, se exclui o indivíduo de certo convívio, o fazem incluindo-o em um aparelho de produção ou de normalização” (PASSOS; BENEVIDES, 2001, p. 93-94).

Nesse contexto, para Foucault (1987), o saber médico e biológico sobre a vida é fundamental para disciplinar o corpo, por meio da sua administração e funcionamento político, que se exerce mediante a administração e normalização da vida de pessoas e populações. O saber e o poder devem fazer incidir um controle sobre o corpo, a doença, o sintoma, a vida e a morte, através das práticas e discursos que se pretendem terapêuticos. É importante observar a operação política e histórica, segundo analisada por Foucault (1987, p. 29), sobre o corpo:

Os historiadores vêm abordando a história do corpo há muito tempo. Estudaram-no campo de uma demografia ou de uma patologia históricas; encararam-no como sede de necessidades e de apetites, como lugar de processos fisiológicos e de metabolismos, como alvos de ataques microbianos ou de vírus: mostraram até que ponto os processos históricos estavam implicados no que se poderia considerar a base puramente biológica da existência; e que lugar se deveria conceder na História das sociedades a 'acontecimentos' biológicos como a circulação dos bacilos, ou o prolongamento da duração da vida. Mas o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais.

Esses são exemplos de tecnologias de saber-poder que agem sobre o corpo e, assim, delineiam a existência de acordo com uma eficácia produtiva que deve fabricar sujeitos submissos aos poderes vigentes. Foucault (1987) denuncia os

saberes e poderes que, nomeados científicos, legitimaram práticas discursivas, tecnologias de controle, padrões normativos de comportamento e relações de poder responsáveis pela dominação do corpo e da subjetividade. A incessante produção de normalidade operada pelo sistema capitalista encontra suporte na medicina e na biologia clássica; o saber que individualiza e controla o corpo revela-se através de um saber-poder que regula a vida. Desse modo, “[...] pode haver um ‘saber’ do corpo que não é exatamente a ciência de seu funcionamento, e um controle de suas forças que é mais que a capacidade de as vencer: esse saber e esse controle constituem o que se poderia chamar a tecnologia política do corpo” (FOUCAULT, 1987, p. 28).

Nesse contexto, Foucault (1987) nos indica que o uso de atividades pode ser uma importante tecnologia de controle do corpo e de sujeição do indivíduo. Nesse âmbito, interroga-se a naturalização do uso de atividades como recurso clínico e os fundamentos teórico-práticos que dirigem as intervenções das oficinas de criação, na terapia ocupacional.

Neste trabalho, não nos interessa nos aprofundar na questão do controle do corpo, pois este não consiste no tema central do trabalho, visto que o objetivo fundamental da nossa pesquisa está focado no estudo do corpo como potência de estética da existência e de cuidado de si. Mas, pretendemos apontar a função do trabalho como tecnologia de saber e poder que atua sobre o corpo, como podemos perceber quando Foucault (2008) trata do tema do poder sobre a vida, que opera como tecnologia de subjugação do corpo.

Entretanto, o corpo que pode ser explorado pelo sistema de produção capitalista, que expropria do sujeito o sentido de suas ações, também carrega a potência de resistir. Guiados pela proposta foucaultiana do movimento de resistência aos saberes e poderes instaurados, nomeamos a capacidade estética como transformadora do corpo e capaz, pois, de produzir desfechos contrários aos almejados pelos poderes vigentes, em um *corpo-resistência*. Reiteramos, conforme anuncia Foucault (2015), que o corpo que é insistentemente controlado e docilizado pelas relações de saber-poder do sistema capitalista também possui a potência de resistir.

A questão ética e política que atravessa a discussão sobre o poder e a resistência, para Foucault (2008, 2015), passa, porém, não apenas pela necessidade de se construir saberes e práticas aptos a produzir estratégias de resistência aos poderes instituídos, mas, também, pela criação de formas de vida autopoietica, que permitam ao sujeito e às coletividades novos modos de sentir e de agir no mundo. Na genealogia da subjetividade presente nos últimos escritos de Foucault (2014), que tratam da estética da existência, há uma relação intrínseca entre a estética da existência e o cuidado de si. Para Foucault (2014), devemos *fazer da vida uma obra de arte*. Nesse caminho, acreditamos haver uma correlação entre as ações

cotidianas e o cuidado de si, visto que, para o filósofo, a práxis assume um caráter criacionista da produção da existência.

A partir de sua investigação sobre a genealogia da subjetividade, Foucault (2007) centra sua pesquisa nos processos de subjetivação que se manifestam na cultura grega antiga com a constituição do sujeito através da relação dele para consigo mesmo e com os outros, a qual nomeia como *cuidado de si*. É importante ressaltar que o cuidado de si como estética da existência não significa a necessidade de se tornar um artista produtor de obras de artes. A estética da existência reside em um pensamento ético que propõe uma estética que seja imanente à própria vida. O que parece interessar a Foucault (2007) nas experiências estéticas de vida do grego antigo não consiste em importar um modelo de vida da cultura grega para a atualidade, mas fazê-la ajudar na análise da vida do sujeito ocidental, nessa atualidade.

A passagem em que Foucault (2014, p. 222) aborda a importância da arte como compromisso com a vida cotidiana anuncia: “O que me surpreende é que, em nossa sociedade, a arte tenha mais relação com os objetos, e não com os indivíduos ou com a vida; e também que a arte seja um domínio especializado, o domínio dos peritos que são os artistas”. E, após a crítica à ideia de arte como restrita à posse de objetos por parte da elite, Foucault (2014, p. 222) propõe uma importante questão: “Mas a vida de todo indivíduo não poderia ser uma obra de arte? Por que uma mesa ou uma casa são objetos de arte, mas não as nossas vidas?”.

Para Foucault (2014), o maior ensinamento que a arte pode nos oferecer refere-se à construção de uma estética da existência que ele define como uma autodeterminação da vida, que diz respeito à todo um conjunto de ações e de vivências marcadas por uma pragmática ontológica de autopoiese criativa, que ocorre num plano ético, estético e político.

A condição do cuidado de si como fator de liberdade é determinada por uma dimensão ética e estética pois a fabricação da existência ocorre através de um processo de singularização, de criação de si mesmo; mas, esse percurso não acontece de forma solitária, porque o indivíduo o opera em relação com os demais. Foucault (2007) deixa aqui um embaraço: a liberdade só é possível na dependência das relações. A estética da existência e o cuidado de si estão diretamente relacionados. Para o autor, o cuidado de si não é da ordem especulativa, mas refere-se a um *ethos* que unifica a constituição da existência e o cuidado para consigo mesmo e com os demais. De acordo com Foucault (2007, p. 57), o cuidado “[...] não consiste num exercício de solidão, mas sim numa verdadeira prática social”, que aparece como intensificação de ações solidárias que só se efetivam na coletividade.

Definida como criação da existência e da capacidade de resistência ao biopoder, a estética da existência e as práticas de cuidado de si irão nortear a

nossa análise sobre o estudo da vivência do movimento corporal e sua relação com a práxis. Nessa diretriz, a proposta de Laban (1990, 2001), de valorização da pluralidade do gesto para a construção de um corpo intenso, consiste em uma importante experimentação do movimento corporal como vivência de liberdade. Inspirados em Laban (1978, 1990, 2001) e no Movimento de Artes e Ofícios (MAO), nossa aposta consiste em pensar uma forma de agregar o gesto, a experiência estética e o cuidado de si, de modo a propiciar ações que possibilitem trocas de experiências, de afetos, de sensações e de que participam sujeitos e coletividades, através de vivências significativas e solidárias.

As formulações de Laban (1978, 1990, 2001) sobre o corpo e o movimento não foram elaboradas apenas em função das atividades artísticas, mas também dos gestos presentes nas atividades cotidianas e que contribuem para a compreensão do sentido existencial de expressão e experimentação do corpo por meio das ações cotidianas. Conduzidos por essa concepção, entendemos que Laban (1990, 2001) inaugura um paradigma ontológico para a compreensão do movimento corporal na medida em que sua teoria evidencia haver um paralelismo entre corpo, ações cotidianas e fabricação da existência.

Rudolph Laban (1879-1958) foi um importante pensador e artista austro-húngaro do estudo sobre o movimento humano. A sua pesquisa sobre o movimento corporal considera que a forma como nos movemos no mundo altera os nossos pensamentos e sentimentos e estes, por sua vez, influenciam os gestos e a nossa relação com o espaço. São valiosas suas contribuições para a dança e seus estudos têm como principal característica a interdisciplinaridade, não se destinando apenas à dança, mas ao teatro, psicologia, antropologia, sociologia, educação, saúde (LABAN, 1978, 1990, 2001).

Diferentemente de algumas ciências do movimento, como a cinesiologia, que realiza o estudo do movimento com base no corpo estático e anatômico, o que pretende o autor é analisar o corpo em movimento, na vida, atravessado pelos afetos e pela significação dos gestos (LABAN, 1978, 1990, 2001). Em relação à investigação sobre o movimento, declara Laban (1978, p. 49) que “as explicações racionalistas insistem no fato de que os movimentos do corpo humano estão submetidos às leis do movimento inanimado”.

A proposta de Laban (1990, 2001) consiste na ampliação variacional dos gestos, na exploração do corpo, pois o movimento corporal é o vetor das transformações da existência. Laban (1990, 2001) não abarca apenas o estudo do movimento voltado à educação e à arte. O corpo, para ele, é compreendido como potência expressiva e criativa. Para análise do corpo e da variedade do movimento, o autor não propôs uma técnica universal, muito menos um método, mas aponta para a multiplicidade de possibilidades de explorações criativas do corpo, de acordo

com a capacidade de expressão e experimentação de cada um. A recomendação de Laban (1990, 2001) não é direcionada à produção de um corpo artístico, mas sim que cada um possa costurar seu caminho para a produção de um corpo intenso. Dessa forma, podemos dizer que Laban (1990, 2001) não se contrapõe à técnica. Conforme Almeida (2004), a técnica aparece como construção singular de cada corpo na feitura de suas ações, de modo que todo fazer pressupõe uma técnica que é singular à historicidade de cada corpo.

Nessas condições, cabe especialmente à função da dança cumprir um papel essencial na ampliação do conhecimento do corpo, devido ao seu potencial expressivo e criativo, sendo sua função mais importante o reconhecimento de uma existência autoral, pois o ato de dançar ajuda o sujeito “[...] a achar uma relação corporal com a totalidade da existência” (ULLMANN Apud LABAN, 1990, p.107). A dança, quando vivenciada em sua liberdade de movimentos, sem estar condicionada a técnicas padronizadas, potencializa a expressão e a criatividade do movimento. Segundo Marques (2002, p. 280):

[...] a ‘técnica de dança livre’ de Laban buscava ampliar esse vocabulário de dança, trazendo da experiência de cada um novos arranjos, caminhos e possibilidades para dançar. Para Laban, conhecer o uso de energia, de peso, das possibilidades do fluxo do movimento no espaço (etc.), era como adquirir outro tipo de ‘habilidade’, uma habilidade que abre portas e diferencia as pessoas, pois permite a expressão e a comunicação pessoal e intransferível de cada um.

A TEORIA DOS ESFORÇOS EM LABAN: A RELAÇÃO ENTRE CORPO E PRÁXIS

Conforme a autora, Laban reconhece que a liberdade do movimento potencializado pela dança livre possibilita a pluralidade do movimento e o enriquecimento da vida cotidiana (MARQUES, 2002). Mas, não era apenas a dança que poderia incitar a ampliação da vivência gestual. As atividades cotidianas também apresentavam, para Laban (1990, 2001), importância crucial para a vivência do corpo de forma mais autônoma. O autor reconhece, no entanto, que a variabilidade de experimentações não basta para a ampliação de uma experiência intensiva do corpo – para que esta se caracterize como tal, é preciso que os gestos produzam sentidos para a existência (LABAN, 1990, 2001).

Ao observar trabalhadores e artesãos no seu ofício, Laban (1990, 2001) identifica que a singularidade do movimento não poderia ser explicada em sua totalidade pelas ciências biomédicas como a anatomia, a cinesiologia e a bioquímica, pois tais ciências não dão conta de esclarecer a dimensão cultural e

social do movimento, se restringindo ao estudo do corpo estático (ALMEIDA, 2004). Para Laban (1990, 2001), cada movimento humano é singular, porquanto traduza as qualidades do movimento que, quando unidas, produzem o gesto, isto é, tratam-se de forças do pré-gesto provenientes das memórias corporais. Essas forças, porém, só se realizam quando combinadas, não podendo ser realizados em separado, pois isoladamente só existem como forças de um pré-gesto. Essas forças, Laban (1990, 2001) nomeia de Esforços que correspondem às qualidades expressivas que cada sujeito imprime em suas ações. Portanto, não podemos falar de uma qualidade do movimento desagregada das demais qualidades. A atividade de martelar, por exemplo, não há o Esforço forte sozinho na ação, o que existe é sempre uma composição de qualidades dos Esforços, que neste caso pode se configurar em forte, direto e rápido.

Do ponto de vista existencial, o trabalho e as atividades cotidianas são fundamentais por constituírem-se complexos de movimentos que marcam o corpo e promovem a diversidade do gesto, o que pode ampliar a existência ou empobrecê-la, dependendo do modo como o corpo experimenta os Esforços.

Ao definir os Esforços, Laban (1990) atenta para o aspecto interno do movimento.

Quando tomamos consciência de que o movimento é a essência da vida e que toda forma de expressão (seja falar, escrever, cantar, pintar ou dançar) utiliza o movimento como veículo, vemos quão importante é entender esta expressão externa da energia vital interior (coisa que podemos chegar mediante o estudo do movimento) (LABAN, 1990, p. 100, tradução nossa).

A passagem anterior esboça uma ideia que permeia toda a obra de Laban: a crítica ao submetimento do corpo ao mecanicismo industrial e a defesa da perspectiva existencial da relação do corpo com as ações cotidianas. Com base nela, afirmamos que o esforço diz respeito ao desejo e envolve o que Rengel (2006, p. 123) define como um *dentro-fora*, dado que o esforço “[...] não é estar fazendo força. [...] não é um ato mecânico ou físico. Acontece ‘dentro’ do corpo”. Laban (1978, 1990, 2001), ao tentar compreender o corpo pela capacidade inventiva e expressiva do movimento, estabeleceu uma relação direta entre o corpo, o pensamento e as ações. Por isso, os Esforços não teriam apenas as qualidades físicas do movimento, demonstrando variações desse movimento, mas sim o que Laban (1978, 2001) chamou de *atitude interna* e que seria a origem do próprio movimento (GUIMARÃES, 2006).

Ao se referir à dança e sua atitude interna, Laban fala dessa arte como potencializadora de uma *região do silêncio*. Diz Laban (1978, p. 140): “Um mundo profundo demais para ser traduzido em palavras, o mundo silencioso da ação simbólica, claramente revelado no balé, é a resposta a uma necessidade interna

do homem". Laban (1978, 2001), ao observar a infinita diversidade do movimento, aponta para a questão de como ocorre o movimento, de qual a sua gênese, e dirige sua resposta para o princípio ético e existencial do movimento, dado que o movimento, para o autor, está fundado no sentido existencial de expressão e experimentação do corpo através das ações, que contêm variadas combinações de Esforços. Por outro lado, apesar de Laban (1978) perceber a importância da vivência do corpo através da sua exploração e expressão pelo movimento, ele identifica que o corpo do trabalhador da Era Industrial vive um corpo que muito se move, mas está empobrecido em seu processo de experimentação de suas ações, devido à falta de apropriação de seu fazer.

Desse modo, Laban (1978, 2001) se interroga sobre a origem da criação do movimento, se apenas a diversidade do movimento bastaria para desenvolver a liberdade do sujeito e qual seria o princípio vital da potência do movimento. Laban (1978, 2001) responde a essa questão com base em uma proposta ontológica do corpo e da existência. Para tal, ele sustenta que há uma região em que reside o princípio da diversidade do gesto, da gênese do movimento – é essa região ontológica que ele nomeia como *mundo* ou *região do silêncio*. O *mundo do silêncio* não é cristalinamente formulado na teoria labaniana, mas é um conceito que aparece em diversos momentos em sua obra. Compreendemos a *região do silêncio* como de abertura para a criação da existência, que se compõe através da atitude do movimento na sua relação com o mundo interno corporal conectado com o mundo externo (LABAN, 1978, 1990, 2001).

A condição para que possamos acionar o *mundo do silêncio* é determinada pelas ações significativas do sujeito. Somente as ações com sentido podem potencializar a *região do silêncio*. Dessa forma, nem as experiências contemplativas da arte, nem tampouco a vivência plural das ações por si só dão conta de ativar a região do silêncio, sendo necessária a relação daquelas com sentidos, com significados, com uma ritualização do movimento, com a celebração festiva dos fazeres cotidianos. As intervenções que despertam a *região do silêncio* correspondem às ações que são preenchidas por afetos, percepções e sensações que conferem sentidos para a existência. A *região do silêncio* consiste na força inventiva que habita o espaço relacional entre o dentro e o fora e que se ativa quando dançamos ou gestualizamos de modo intensivo.

A dança, pois, apresenta-se como uma forma fundamental de construção de sentido no movimento, pois permite agregar e resgatar os Esforços que habitam a *região do silêncio*, bem como a festividade do gesto. Na dança e nas atividades criativas imbuídas de significados ativamos a *região do silêncio*, produzindo novos sentidos pela conjugação dos Esforços que guardamos na nossa memória corporal. As atividades, quando possuem sentido, são atravessadas por agregados de

sensações e afetos que nos lançam para novas experiências corporais, possibilitando a ressignificação de nossas ações.

Das ações que desempenhamos no cotidiano, guardamos a memória dos Esforços; mas, graças à *região do silêncio*, essa memória não se apresenta como meras repetições de ações, mas como a potência das qualidades de nossas ações, que são, em última instância, os Esforços. É devido à essência criativa da *região do silêncio* que novos gestos são possíveis de serem construídos, com base em novos agregados de Esforços. Declara Laban (2001, p. 80-81, tradução nossa):

Para além dos acontecimentos externos, o bailarino percebe um outro mundo completamente diferente. Há uma energia por detrás de todos esses eventos e objetos materiais para os quais é quase impossível encontrar um nome. É o panorama escondido e esquecido da região do silêncio, do reino da alma, e no centro desse território está o templo da dança. As mensagens vindas dessa região do silêncio são, no entanto, tão eloquentes! Elas nos falam, em termos sempre cambiantes, de realidades que são, para nós, de uma grande importância. O que nós chamamos habitualmente de dança vem dessas regiões, e aquele que for consciente disso é um verdadeiro habitante desse país, tirando a sua força diretamente desses tesouros inesgotáveis.

Laban (1990, 2001) procurou analisar o movimento não apenas como aquele das atividades artísticas, mas dos gestos presentes nas atividades cotidianas e do trabalho e percebeu uma ampla gama de variados movimentos os quais o homem é capaz de realizar. A preocupação de Laban (1990, 2001) com a compreensão do movimento nas mais diversas ações do homem se deve à valorização dos sentidos das ações para a vida, pois, para o autor, as atividades cotidianas imprimem memórias que marcam o corpo e produzem significações, através dos seus movimentos. Destarte, a crítica ao trabalho solitário e alienado da indústria reside na avaliação que Laban (1990, 2001) faz do uso do corpo, nesse tipo de trabalho, que se traduz na padronização dos gestos e no enfraquecimento das experiências sociais de partilha, em que predominam movimentos mecanizados e a sua repetição com o indivíduo posto em isolamento. Laban (1990) rejeita o trabalho da indústria por ele explorar o fazer do operário retirando-lhe o apoderamento da integridade de suas ações.

Na era pré-industrial de nossa civilização, os artesãos e os camponeses possuíam uma vida de intenso movimento. Em cada um de seus trabalhos todo corpo estava ocupado, em momentos distintos, mas completamente diferentes que cada homem devia realizar. Tinham que pensar, porque cada um era o organizador de seu próprio ofício. A obtenção da matéria-prima, a compra, o transporte, o próprio processo de produção e a venda estavam a cargo de um só e mesmo homem. O trabalhador da atualidade não só se especializou

em uma dessas tarefas como uma determinada função dessa tarefa e frequentemente tem de realizar de manhã à tarde, ao longo de toda sua vida, uma sucessão de movimentos relativamente simples. Tem de pensar, mas dentro de uma restrita esfera de interesses. Dedica suas horas de ócio a prazeres inadequados, pois carecem daquela integração de exaltação mental e corporal que em épocas anteriores emanava do orgulho pela independência do trabalho organizado. Incidentalmente, o orgulho pelo trabalho encontrava sua expressão nas danças festivas (LABAN, 1990, p. 14).

Com o advento da indústria, um modo de trabalho especializado e empobrecido limita a diversidade dos movimentos e a capacidade reflexiva do trabalhador. Além disso, a aceleração da rotina de trabalho do homem moderno debilita a experimentação e a criatividade do corpo, dado que a velocidade produzida pelo trabalho na indústria não contempla um corpo transformador de sua existência.

Laban (2001) identifica que o trabalho da indústria precisou entender o movimento humano para explorá-lo, e isso se deu sem qualquer cuidado quanto às sequelas do movimento, como praticado na atividade industrial, na qualidade de vida do operário, bem como sem nenhuma preocupação com a qualidade estética desses movimentos.

Ao tornar-se evidente que os processos de trabalho de uma era mecanizada são profundamente diferentes daquelas dos períodos pré-revolucionários da civilização europeia, realizam-se várias tentativas para adaptar o movimento do trabalhador às novas necessidades. [...] Frederick W. Taylor, o iniciador da 'gestão empresarial científica', foi uma das primeiras pessoas que tratou de penetrar nos mistérios do movimento humano, sob um ponto de vista completamente novo. Seu objetivo era aumentar a eficácia dos trabalhadores que manejavam máquinas sem pensar sequer nos valores estéticos que esses movimentos pudessem ter (LABAN, 1990, p. 12).

Na sua pesquisa sobre o movimento, Laban (1990, 2001) ficou extremamente interessado pelas infinitas possibilidades, pela diversidade gestual presente não apenas na dança, mas nas atividades cotidianas. Também percebeu que essa pluralidade de movimentos humanos deve-se à singularidade como o sujeito vivencia o seu corpo. "As ações comuns da vida cotidiana, que se podem ver com maior clareza no movimento do trabalho, constituem um estrato do mundo do movimento" (LABAN, 2001, p. 138).

A forma como cada um faz uso de seu corpo, dos seus movimentos, em suas ocupações, inaugura marcas no corpo e na subjetividade do sujeito. A relação do corpo com as ações também compõe novas artesarias do movimento, novas criações de identidade do corpo.

No contato com trabalhadores e artesãos de diversos países e culturas, Laban (1990, 2001) percebe que o determinante cultural produz a singularidade do

movimento no processo do fazer e afirma a importância do papel social e cultural no movimento. Na organização da apresentação de dança coral dedicada ao tema da *artesanía y a los ofícios*, em 1929, em Viena, Laban (2001) busca estabelecer um vínculo entre as artesanias, a dança e os festivais, e, na produção desse evento, Laban (2001) apresenta seu conceito-resistência de *cultura festiva*.

Ao referir-se aos festivais que organizou, Laban (2001, p. 124, tradução nossa) afirma: “[...] tive uma experiência das mais interessantes. Não há praticamente um ofício que não tenha uma tradição de relação com os movimentos executados, em suas operações manuais e em sua aplicação festiva”. Laban (2001) também declara que, nas experiências com os festivais, ouviu de muitos de seus participantes que aquela atuação nos eventos lhes permitira alcançar um maior sentido e prazer nas suas ações.

Para Laban (1990, 2001), o trabalho do artesão presentificava a cultura festiva, na qual o trabalho e a arte estavam ligados, tanto pela relação criativa de multiplicidades das ações, como pela aproximação do trabalho com a celebração, através dos festejos realizados no trabalho. Para o autor, a experiência estética vivenciada pelo trabalho artesanal permitia a integração das ações, com arte e trabalho unidos mediante vivências de compartilhamento. No trabalho artesanal, o sujeito se reconhece como sujeito autônomo na medida em que se percebe como sujeito de suas ações, com liberdade para execução de seus gestos. Em contraposição, o trabalho industrial, por desapropriar o sujeito da integridade de suas ações, promove a fragmentação do seu movimento e, por conseguinte, do seu corpo. Para Laban (1990, 2001), as ações, no trabalho industrial, não são preenchidas por significações; são ações sem sentido, que contribuem para uma existência empobrecida.

O autor relata ainda que, nas sociedades pré-capitalistas, as atividades dos trabalhadores não estavam separadas da dança e que a presença da ritualização do gesto em um ambiente de comunhão e afeto propiciava a ativação das potências do movimento e, conseqüentemente, a reapropriação dos sentidos de nossas ações como uma forma de cultura festiva (LABAN, 2001). “Os festivais, na vida, bem como os momentos festivos diários, devem ser preenchidos com uma atitude espiritual focada em aprofundar o senso de reciprocidade e valorização da identidade pessoal de cada indivíduo” (LABAN, 2001, p. 75, tradução nossa). Com a presença dos festivais como parte da rotina de vida, Laban pretende valorizar uma concepção de vida comunitária e criativa.

Reich (1988), de forma distinta da de Laban (1978, 1990, 2001), também vislumbra a possibilidade de se vivenciar o corpo de forma expressiva com base na sua relação com o trabalho autogestivo. Reich (1897-1957) foi um importante psicanalista que constrói suas teorias com base na relação entre política

e sexualidade, aliando as teses de Freud e de Otto Gross às de Marx: o autor concebe uma união entre psique e soma, corpo e mente, e define o sujeito como ser psicofísico (CÂMARA, 2009).

Em *Psicologia das massas do fascismo*, obra escrita em 1932, Reich (1988) analisa o comportamento das massas que se renderam ao regime facista e conclui que os adeptos dos regimes autoritários exibem um comportamento de medo, em relação à liberdade, que tem sua origem na inibição e repressão sexual (OLIVEIRA; CRUZ, 2009, p. 73). Para Reich (1988), a não exploração da sexualidade promove a não expressão e vivência do corpo de forma plena e torna os sujeitos suscetíveis às relações de submetimento aos discursos e ações autoritários ou os fazem assumir o papel rígido do ser autoritário, abdicando da liberdade. Logo, “O medo de liberdade das massas humanas manifesta-se na rigidez biofísica do organismo e na inflexibilidade do caráter” (REICH, 1988, p. 305). A liberdade, para Reich (1988), está ligada à capacidade de vivência do amor, de trabalho e de construção de conhecimento. A inibição, a restrição da liberdade originária sexual compromete a realização dos desejos: o sujeito “[...] passa a agir, sentir e pensar contra os seus próprios interesses materiais” (REICH, 1988, p. 30). A liberdade é pensada como expansão de vida, de relações criativas e criadoras. Não cabe, dessa forma, pensar a não liberdade como base, como *fundação* existencial do sujeito, mas como instância secundária, que expressa um sofrimento do psicossoma. “A incapacidade de liberdade por parte das massas humanas não é inata. Os homens não foram desde sempre incapazes de liberdade; portanto, fundamentalmente, poderão tornar-se capazes de liberdade” (REICH, 1988, p. 206).

Ao mencionar o trabalho como aspecto vital para a existência, Reich (1988) denuncia a ideia de não trabalho e do trabalho puramente intelectual tidos como atividades superiores e suficientes e assevera a importância do trabalho em sua integração de pensamento e ação e apropriação de todas as suas etapas. O trabalho é apresentado por Reich (1988) como fundamental atividade para a emancipação do sujeito e a democratização da sociedade como possibilidade de autogestão social.

A democracia do trabalho é o processo natural do amor, do trabalho e do conhecimento, que governou, governa e continuará governando a economia e a vida social e cultural do homem, enquanto houver uma sociedade. A democracia do trabalho é a soma de todas as funções da vida, governada pelas relações racionais interpessoais, que nasceram, cresceram e se desenvolveram de uma maneira natural e orgânica (REICH, 1988, p. 294).

Entretanto, para que o trabalho se confirme como atividade livre e vital, é necessário que a vida sexual dos indivíduos possa acontecer de forma livre e constantemente aliada às demais atividades criativas.

É extremamente importante a relação entre a vida sexual do trabalhador e o desempenho em seu trabalho. É errado pensar que se trabalha tanto mais quanto mais energia sexual for desviada da satisfação natural. O que ocorre é o inverso: quanto mais satisfatória é a vida sexual, tanto mais produtivo e satisfatório é o trabalho (REICH, 1988, p. 279).

Para Reich (1988), a atividade do trabalho constitui uma ontologia, sendo essencial para a vida. Porém, “a ideologia política da classe dominante, mas não trabalhadora, subestimou durante muitos séculos exatamente o trabalho vitalmente necessário. Por outro lado representou o não-trabalho como um sinal de sangue nobre” (REICH, 1988, p. 363).

Câmara (2009) salienta a importância de pensarmos o funcionamento da democratização do trabalho para Reich (1988) como um sistema aberto, calcado em uma sociedade de trabalhadores, que deve ser sempre reinventado e possa promover processos de singularização.

MOVIMENTO DE ARTES E OFÍCIOS (MAO): O TRABALHO COMO ONTOLOGIA E A SUA RELAÇÃO COM A IMAGINAÇÃO

A diversidade de gestos que Laban desejava pela via da experimentação da dança livre, para a produção de um corpo intensivo, no MAO é produzida pela forma coletiva de realização das práticas artesanais comunitárias. A fim de problematizar a relação do corpo com os processos criativos na clínica, realizamos uma aproximação da análise do gesto em Laban (1978, 1990, 2001) com a proposta do MAO, com o intuito de pensar as ações cotidianas como atividades livres e criativas, com potencial significativo, em favor de uma existência autônoma.

Nesse contexto, o Movimento de Artes e Ofícios (MAO) também empreende uma importante crítica à restrição das ações do homem da Era Industrial e propõe a pluralidade dos fazeres como experiência libertadora e de ressignificação da vida através das ações cotidianas.

O MAO exerceu forte influência na origem da terapia ocupacional. Herbert J. Hall, Adolf Meyer, William Rush Dunton, entre outros profissionais responsáveis pela criação da terapia ocupacional, filiaram-se à Sociedade de Artes e Ofícios de Boston em 1901 (LEVINE, 1987). No início do século XX e antes mesmo de a profissão de terapeuta ocupacional ser oficializada como um curso de nível superior, os princípios do MAO já estavam sendo estudados e aplicados em programas de reabilitação física e mental.

O MAO surge na Inglaterra, em meados do século XIX, como um movimento ético, estético, ecológico e social, reunindo teóricos e artistas cuja finalidade primordial era revalorizar o trabalho manual, propondo que a experiência estética

ocorresse por meio dos fazeres cotidianos (SOUZA; ALMEIDA, 2019). O MAO corresponde a um dos principais movimentos no universo das artes a exaltar o artesanato como alternativo à mecanização e à produção em massa.

John Ruskin (1992, 2006) e William Morris (2003) foram os principais autores e militantes do MAO, com ideias e ações determinadas por uma crítica ao trabalho industrial da Era Moderna, caracterizado pelo modelo especialista de produção e limitador da relação com os fazeres diversos e, conseqüentemente, da capacidade de agir e pensar, empobrecendo, desse modo, a singularidade do trabalhador. Em vista disso, aqueles autores acreditavam que só o trabalho livre e criativo poderia conferir sentidos às ações do homem, conduzindo o sujeito à reflexão e à liberdade de seus gestos (RUSKIN, 1992; 2006; MORRIS, 2003).

Para Ruskin (2006), o trabalho especializado fragmentava não apenas o fazer do operário; mas, toda a existência do homem era reduzida a fragmentos, nesse processo. Quanto a este fato, afirma Ruskin (2006, p. 73):

Nestes últimos tempos, muito temos estudado e aperfeiçoado a grande invenção civilizada da divisão do trabalho; ocorre apenas que lhe demos um nome errado. Verdaderamente falando não é o trabalho, mas os homens que são divididos: partidos em meros segmentos de homens, de tal modo despedaçados em pequenos fragmentos e migalhas de vida que a menor fatia de inteligência remanescente em qualquer um deles não é suficiente para que produza um alfinete ou um prego; exaure-se na produção da agulha de um alfinete ou na cabeça de um prego.

Ruskin (1992, 2006) afirma que, com a Revolução Industrial, a perspectiva do trabalho industrial não apenas gera objetos sem qualidade estética, mas desapropria o sujeito das próprias experiências criativas, devido ao modo de trabalho mecânico e estereotipado da indústria. Dessa forma, a proposta de Ruskin (1992, 2006) reside em valorizar o fazer artesanal, pois o autor acredita que as experiências estéticas devem se dar no cotidiano, resgatando as vivências intensivas de vida que foram abortadas pela produção industrial. Por fim, as atividades manuais e, em especial, o artesanato são reconhecidos como dispositivos coletivos do cotidiano, capazes não somente de construir práticas sociais e estéticas mais vigorosas, como também se convertendo em fator fundamental de agenciamentos de singularidade do sujeito e do coletivo.

No MAO, observa-se uma tentativa de relacionar a estética a um *ethos* social, com a proposta de ligar a arte à vida cotidiana do sujeito. Com o objetivo de realizar uma reforma social que combatesse os princípios capitalistas de produção, o MAO realiza um elogio ao trabalho do artesão da época medieval e à organização coletiva de trabalho das guildas medievais, pois acredita que o fazer manual valoriza o trabalho como experiência estética compartilhada (AMARAL, 2011).

Como Ruskin (1992, 2006), Morris (2003) denuncia a divisão de trabalho da produção industrial e tenta combinar as teses de Ruskin (1992, 2006) às de Marx, na defesa de uma arte “[...] do povo e para o povo, inscrita no seu cotidiano” (BOTTO, 2003, p. 12). A ideia é que o operário possa conferir valor estético ao trabalho desqualificado da indústria e, principalmente, consiga vivenciar a arte em sua vida diária. “Enquanto o homem permitir que o trabalho cotidiano seja uma escravidão permanente, será em vão que procura a felicidade” (MORRIS, 2003, p. 170). Morris (2003) critica a existência da arte restrita à elite e valoriza o fazer artesanal das guildas medievais, pois afirma que no fazer dos artesãos desse período não havia a separação entre a confecção do desenho e a execução da obra – sequer estava presente o trabalho solitário e especialista da Era Moderna. Outro ponto abordado pelo autor é que o trabalho artesanal permitia a fantasia e a imaginação através do fazer criativo – uma concepção de trabalho em este que não estava dissociado da arte e da vivência social. O advento da industrialização, com sua concepção de trabalho como algo monótono e mecânico, prejudicou a vivência criativa e prazerosa do trabalho.

Em defesa da produção como oportunidade de vivenciar a beleza e o prazer no trabalho, Morris (2003) critica a separação entre arte e artesanato, assim como a hierarquia forjada entre as *grandes artes* e as *artes menores*. Sua intenção é coligar a arte ao artesanato, entendendo que o artesanato é arte e esta não existe separada do fazer artesanal cotidiano. Nessa perspectiva, Morris (2003) concebe que a verdadeira arte deve ser funcional, em razão da necessidade de proximidade da arte presente na vida das pessoas, desde a presença de utensílios criativos nos ambientes até a experimentação de ações criadoras na dinâmica do trabalho e da vida. Ao tratar das ditas *artes menores*, que correspondem às atividades artesanais, Morris (2003, p. 30-31) atesta que:

Em tempos idos, o mistério e o encantamento das artes manuais eram apreciados em todo o mundo, e a imaginação e a fantasia misturava-se com tudo o que o homem fazia; e nesses tempos, todos os artesãos eram artistas, como lhes deveríamos chamar agora. Mas na sua crescente complexidade, foi se tornando cada vez mais difícil encontrar expressão para o pensamento humano. A arte foi se tornando mais pesada, e o trabalho da sua produção foi sendo dividido entre grandes homens, homens menores, e pequenos homens; até que essa arte, que pouco mais fora do que o descanso do corpo e da alma, no deitar da lançadeira ou no malhar do ferro, se tornou para alguns uma questão tão séria que a sua vida de trabalho tem sido uma longa tragédia de esperança e apreensão, de alegria e perturbação.

Morris (2003) defende que as duas maiores funções das artes são dar prazer e sentido para as nossas vidas. Ao referir-se às artes “menores” declara: sem essas artes, “[...] o nosso descanso seria vazio e desinteressante, e o nosso trabalho

apenas um fardo, mero desgaste do corpo e da mente” (MORRIS, 2003, p. 26).

Outra contribuição importante para o debate – da relação das atividades manuais com o movimento corporal – é fornecida pelo filósofo Gaston Bachelard (2001), que problematiza a atividade manual e as materialidades com base na valorização do aspecto do corpo e da sensorialidade na sua relação com os fazeres. Ao realizarmos a leitura da filosofia onírica do autor, percebemos que a perda da capacidade de ter experiências criadoras e o contato com as durezas, as resistências distintas das materialidades podem desencadear o enfraquecimento de nossa habilidade de sonhar, devido à dificuldade de nos recriarmos a partir de nossas experiências concretas e, ao mesmo tempo, imaginárias no mundo.

Nesse caminho, Deleuze e Guattari (2010) apresentam a definição do conceito de desejo como produção; o desejo, então, surge a partir das relações, dos encontros, da emancipação da vida; e, a cada encontro, a cada nova relação, novos desejos se criam. Nessa direção, é fundamental compreender que o corpo empobrecido em sua capacidade autogestiva não corresponde à aniquilação da sua capacidade desejante, mas é um corpo que está restrito em sua possibilidade de desejar, de amar e de sonhar.

Para o filósofo, o sonho e a ação são atividades inseparáveis. O sonho não é algo que pode ou não acontecer; ele já é, em si mesmo, uma realidade. Desse modo, é um equívoco dissociar o sonho das ações humanas (BACHELARD, 2001).

Com base nessa teoria, Bachelard (2001) valoriza a criança como ser que se permite sonhar, por intermédio de uma relação de abertura criativa que ela estabelece com o mundo. Assim, o autor nos orienta a resgatar o sentido criador/imaginativo da infância, pois a criança conserva uma abertura à experimentação e, de forma mais potente, tende a explorar o seu corpo de maneira inventiva.

Cada trabalho tem seu onirismo, cada matéria trabalhada suscita seus devaneios íntimos. O respeito das forças psicológicas profundas deve nos conduzir a preservar de qualquer ataque o onirismo do trabalhador. Não se faz nada de bom a contragosto, isto é, a contrasonho. O onirismo do trabalho é a própria condição da integridade mental do trabalhador. [...] A vontade de quem não sabe sonhar é cega e limitada. Sem os devaneios da vontade, a vontade não é verdadeiramente uma força humana, é uma brutalidade (BACHELARD, 2001, p. 75).

O trabalho realizado como ação não separa o ato de sonhar e imaginar da vivência no mundo e permite ao trabalhador/criador a descoberta da sua ação como autenticidade poética-existencial. O sonho e a imaginação presentes no trabalho criador inauguram novos sentidos e lhe conferem um exercício de liberdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com Foucault (2008, 2007, 1987) e Reich (1988), visualizamos o controle dos corpos e dos desejos através dos fazeres, no sistema capitalista; porém, ambos os autores nos oferecem possíveis saídas a essas operações. Foucault (1987, 2008, 2014, 2015) sinaliza a importância de identificarmos as relações de saber-poder como potência para o estabelecimento da resistência e do exercício de liberdade. Em Reich (1988) e Laban (1978, 1990, 2001), acompanhamos o papel do corpo e da relação com o trabalho como experiência ontológica.

O corpo e o movimento, para Laban (1978, 1990, 2001), são potencialmente produtores de desejos e da liberdade existencial humana, em decorrência da amplitude de exploração dos seus gestos. Em contraposição, o enfraquecimento da capacidade de existir estaria atrelado à restrição das relações e da variedade dos gestos, que despotencializam a produção de desejo.

A qualidade das ações, as sensibilidades vivenciadas pelas atividades, a construção de significados criados pelos fazeres fazem parte de algumas das facetas da relação do corpo com os processos criativos, na clínica da terapia ocupacional. Com base na teoria do movimento de Laban (1990, 2001), reconhecemos que não é possível excluir a participação decisiva do corpo nas ações, visto que a maneira como o homem se move no mundo produz efeitos em sua existência, nos mais diversos aspectos, como o sensorial, o social, o cultural e o psicológico. Laban (1990, 2001) reitera a existência de uma capacidade mutável do corpo e a importância da experimentação dos Esforços por meio da exploração do corpo pela pluralidade das ações. A apropriação, pelo sujeito, da sua relação com as atividades cotidianas da experiência criativa do movimento institui vários efeitos no corpo, por meio da sua relação com o outro, com o coletivo, com as próprias matérias e sensações. Entendendo que em movimento sempre estamos, é importante questionar que gestos e que afetações favorecemos na clínica, quando pensamos a proposta do uso de atividades manuais na terapia ocupacional, posto que, no mundo contemporâneo, está sempre presente o referencial capitalista de produção.

Laban (1978, 2001) nos indica uma infinita variedade de ritmos, de composições e de intensidades de movimento que o corpo engendra na relação da *região do silêncio* com a práxis e, então, nos remete às múltiplas possibilidades de recriação do corpo. É essa mutabilidade do corpo que nos interessa, para favorecermos outros caminhos de experimentação dos gestos, no cotidiano. Portanto, reivindicamos a importância do potencial do corpo e da pluralidade das ações em prol do cuidado de si e do protagonismo das ações cotidianas, que propiciem novas leituras do mundo e da existência.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. **Corpo e arte em terapia ocupacional**. Rio de Janeiro: Enelivros, 2004.

AMARAL, C. S. A lógica espacial de John Ruskin. **Oculum Ensaios**, n. 7_8, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/oculum/article/view/361/341>>. Acesso em: 28 set. 2020.

BACHELARD, G. **A terra e os devaneios da vontade**: ensaio sobre a imaginação das forças. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BOTTO, I. Prefácio. In: MORRIS, W. **Artes menores**. Lisboa: Antígona, 2003.

CÂMARA, M. V. **Reich**: grupos e sociedade. São Paulo: Annablume, 2009.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia 1. São Paulo: Ed. 34, 2010.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

FOUCAULT, M. **Ditos e escritos, volume V**: ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2014.

_____. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

_____. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

_____. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

GUATTARRI, F. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 1992.

GUIMARÃES, M. A. Rudolf Laban: uma vida dedicada ao movimento. In: MOMMENSOHN, M.; PETRELLA, P. (org.). **Reflexões sobre Laban, o mestre do movimento**. São Paulo: Summus, 2006.

LABAN, R. **Dança educativa moderna**. São Paulo: Ícone, 1990.

_____. **Domínio do movimento**. São Paulo: Summus, 1978.

_____. **Una vida para la danza**. Cidade do México: Conaculta, 2001.

LEVINE, R. E. The influence of the arts-and-crafts movement on the professional status of occupational therapy. **American Journal of Occupational Therapy**, v. 41, n. 4, p. 248-254, 1987.

MARQUES, Isabel A. Revisitando a dança educativa moderna de Rudolf Laban. **Sala Preta**, São Paulo, v. 2, p. 276-281, 2002.

MORRIS, W. **Artes menores**. Lisboa: Antígona, 2003.

OLIVEIRA, D.; CRUZ, M. Sobre a psicologia de massas do fascismo de W. Reich. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 1, n. 1, p. 70-76, 2009.

PASSOS, E.; BENEVIDES, R. Clínica e biopolítica na experiência do contemporâneo. **Psicologia clínica**, v. 13, n. 1, p. 89-99, 2001.

REICH, W. **Psicologia das massas do fascismo**. São Paulo: Martis Fontes, 1988.

RENGEL, L. Fundamentos para a análise do movimento expressivo. In: MOMMENSOHN, M.; PETRELLA, P. (org.). **Reflexões sobre Laban, o mestre do movimento**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

RUSKIN, J. Selvaticueza (excerto de *A natureza do gótico*). **Risco**: Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo, n. 4, p. 67-76, 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/risco/article/view/44674/48296>>. Acesso em: 28 set. 2019.

_____. **As pedras de Veneza**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

SERRES, M. **Os cinco sentidos**: filosofia dos corpos misturados. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SOUZA, G. V.; ALMEIDA, M. V. Terapia ocupacional e o Movimento de Artes e Ofícios: uma proposta ontológica do fazer artesanal. In: RUH, A. C. (org.). **Saberes e competências em fisioterapia e terapia ocupacional 2**. Ponta Grossa: Atena, 2019. p. 78-97.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acidente vascular cerebral 53, 58, 100, 101, 109, 110, 129, 134, 136, 147
Acidente vascular encefálico agudo 129, 131
Alterações posturais 179, 180, 182, 213
Aplicabilidade 31, 68, 70, 75, 79, 80, 113, 169, 245, 253, 254, 261
Asma 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49
Atividades cotidianas 102, 106, 137, 186, 189, 275, 276, 281, 282, 283, 285, 286, 293

B

Bioética 70, 74, 79

C

Câncer 5, 6, 9, 11, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 74, 75, 77, 78, 80, 81, 91, 92, 96, 97, 98, 99, 124
Cardiopatias 83, 265
Cavalo 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273
Cif 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262
Cólica menstrual 224, 225
Corpo 32, 64, 91, 92, 93, 97, 106, 119, 122, 126, 135, 152, 157, 167, 186, 200, 201, 202, 213, 214, 227, 229, 248, 253, 254, 256, 259, 265, 271, 275, 276, 277, 278, 279, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 291, 292, 293, 294
Cuidado de si 275, 276, 279, 280, 281, 293
Cuidados paliativos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 62, 63, 65, 66, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81

D

Depressão 5, 9, 28, 31, 32, 64, 66, 69, 74, 75, 78, 121, 144, 152, 160, 163, 164, 166, 167, 168, 169, 236, 237, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308
Disco intervertebral 199, 203, 204
Disfunções sexuais 235, 236
Dismenorreia 224, 225, 226, 227, 229, 230, 231, 232, 233, 234
Dismenorreia primária 225, 232
Dismenorreia secundária 225, 232

Doença pulmonar 1, 4, 6, 9, 13, 14, 15, 18, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 28, 29, 31, 33, 35, 37, 41, 42, 262

Doença pulmonar obstrutiva crônica 9, 13, 14, 15, 18, 20, 23, 26, 27, 28, 29, 33, 35, 41, 42, 262

Doenças respiratórias 6, 45, 83

Dor 2, 8, 15, 32, 37, 59, 63, 64, 66, 68, 69, 73, 74, 75, 78, 90, 96, 97, 98, 99, 122, 137, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 163, 173, 178, 182, 183, 200, 204, 208, 224, 225, 226, 227, 229, 230, 231, 232, 234, 270, 298

E

Ejaculação precoce 235, 236, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244

Enfisema 20, 21, 22, 24

Epidural 125, 126, 127, 128, 203

Equoterapia 223, 263, 264, 265, 266, 267, 269, 270, 271, 272, 273, 274

Espasticidade muscular 137, 142

Estimulação 63, 66, 68, 73, 90, 96, 97, 106, 118, 125, 127, 129, 133, 135, 163, 211, 214, 215, 216, 217, 219, 239, 240, 241, 242, 243, 304

Estimulação sensorial 211, 214, 215, 216, 217, 219

F

Fibromialgia 150, 151, 152, 153, 154, 156, 157, 158, 159, 160

Fisioterapeuta 1, 3, 7, 9, 10, 12, 34, 35, 36, 41, 42, 50, 74, 75, 76, 77, 78, 95, 167, 168, 181, 199, 207, 213, 245, 255, 256, 259, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 269, 271, 272, 309

Fisioterapia 2, 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 28, 30, 32, 33, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 47, 48, 66, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 85, 88, 91, 94, 95, 97, 99, 105, 109, 110, 111, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 123, 124, 129, 131, 134, 135, 137, 147, 148, 152, 161, 169, 171, 173, 174, 179, 180, 183, 199, 205, 206, 213, 220, 222, 233, 235, 238, 239, 245, 255, 260, 261, 264, 273, 295, 302, 309

Flexibilidade 97, 102, 113, 173, 174, 175, 176, 182, 183, 184

Força muscular 13, 14, 15, 16, 17, 18, 23, 24, 25, 29, 46, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 93, 131, 137, 140, 141, 142, 143, 145, 146, 175, 182, 184, 240, 297

Funcionalidade 83, 86, 87, 88, 134, 138, 145, 151, 158, 187, 193, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 252, 253, 255, 256, 258, 260, 261, 262, 298, 299

I

Idoso 12, 34, 35, 36, 38, 39, 41, 44, 129, 134, 158, 296, 297, 298, 299, 300, 301,

302, 303, 304, 305, 306

Impressão 3D 185, 186, 187, 188, 191, 194, 195, 196, 197

Incapacidade 7, 17, 25, 40, 146, 151, 178, 180, 182, 200, 201, 204, 236, 242, 245, 246, 248, 249, 250, 253, 255, 256, 260, 261, 262, 288, 298

L

Lesão 100, 101, 106, 107, 109, 125, 126, 128, 131, 137, 139, 145, 146, 200, 254, 265

M

Massagem 97, 150, 151, 152, 153, 154, 157, 158, 159

Medula 93, 97, 125, 126, 127, 138, 202, 203

Método hipopressivo 173, 174, 175

Modalidades de fisioterapia 28, 44, 45

N

Neoplasia 5, 12, 64, 68, 74, 81, 91, 95

Neuropatia 90, 91, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99

Neuroplasticidade 100, 101, 102, 103, 106, 108, 109, 110, 127, 213

P

Papéis ocupacionais 296, 298, 299, 300, 304, 305, 307, 308

Parkinson 111, 112, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 265

Patologias pélvicas 225, 231

Plexo lombossacral 199

Prótese de membro superior 186, 190

Psicomotor 211, 214, 215, 216, 217

Pulmão 1, 6, 21, 93

Q

Qualidade de vida 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 15, 17, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 74, 75, 77, 79, 80, 83, 84, 86, 87, 88, 90, 91, 93, 94, 96, 98, 111, 113, 117, 118, 121, 122, 123, 124, 127, 128, 131, 144, 145, 147, 151, 152, 153, 156, 157, 158, 160, 164, 169, 178, 187, 208, 213, 226, 233, 235, 236, 244, 269, 271, 272, 286, 297, 298, 300, 303, 309

R

Reabilitação 5, 6, 25, 26, 29, 36, 40, 43, 49, 70, 71, 75, 77, 78, 80, 84, 85, 87, 88, 94, 100, 101, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 114, 115, 117, 118, 122,

123, 125, 127, 129, 131, 134, 135, 147, 148, 161, 163, 166, 167, 169, 173, 185, 187, 188, 190, 193, 194, 195, 196, 197, 222, 235, 237, 239, 240, 241, 242, 243, 255, 256, 265, 266, 289, 309

Realidade virtual 111, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 262

Reeducação postural global 178, 179, 180, 183, 184

S

Síndrome de Burnout 161, 164, 165, 166

T

Tecnologia assistiva 185, 186, 187, 196

Terapia ocupacional 2, 80, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 195, 197, 264, 275, 276, 279, 289, 293, 294, 295, 296, 298, 299, 300, 302, 303, 305, 306, 308

Terapias complementares 62, 63, 65, 67, 151

Transtorno do espectro autista 211, 214, 215, 216, 220, 223, 265

Tratamento 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 23, 24, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 37, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 53, 55, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 83, 87, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 113, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 129, 131, 133, 134, 135, 141, 143, 146, 147, 148, 152, 153, 156, 158, 159, 161, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 174, 175, 178, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 205, 209, 210, 211, 213, 214, 215, 217, 218, 219, 223, 226, 227, 230, 232, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 246, 266, 296, 298, 302, 303, 304, 306, 308

V

Velhice 38, 296, 298, 299, 302, 303, 304, 305, 307

 www.arenaeditora.com.br
 contato@arenaeditora.com.br
 @arenaeditora
 www.facebook.com/arenaeditora.com.br

Processos de Intervenção em Fisioterapia e Terapia Ocupacional 2

 www.arenaeditora.com.br
 contato@arenaeditora.com.br
 @arenaeditora
 www.facebook.com/arenaeditora.com.br

Processos de Intervenção em Fisioterapia e Terapia Ocupacional 2